

Preservação de faces nas entrevistas do programa *Altas Horas*: a interação entre apresentador, convidados e platéia

Sirlei Rodrigues
Universidade de Franca*

Universidade de Franca

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo a análise, segundo uma perspectiva da lingüística, de entrevistas realizadas no programa *Altas Horas*, apresentado por Seginho Groisman, e transmitido pela Rede Globo de televisão, nas madrugadas de domingo. No decorrer desta pesquisa, refletiu-se sobre as principais estratégias utilizadas na construção dos sentidos, em especial sobre a preservação de faces na interação face a face, assim como o relevante papel do apresentador, dos convidados e da platéia na construção da coerência do texto falado nesse programa de auditório.

No desenvolvimento deste trabalho, pretendemos refletir sobre as principais estratégias de processamento do texto falado, relacionadas à questão da preservação de faces, em um programa de auditório.

Esperamos que, através dessa pesquisa, o leitor possa refletir sobre a relevância do estudo da estrutura do texto oral. O assunto "texto falado" é muito importante para a lingüística contemporânea, já que abre possibilidades de reflexão, por exemplo, sobre o uso da língua em contextos específicos, sobre coesão e coerência no discurso oral, sobre o jogo de poder que envolve os falantes na interação, a representação de papéis e a negociação de sentidos interferindo na construção do texto.

Além de contribuir com o estudo da conversação em programas de auditório, esperamos também introduzir uma reflexão sobre a questão da privacidade e de como ela é preservada e/ou "invadida" nesses programas.

Reforçamos que este é um artigo cujas reflexões fazem parte de uma pesquisa maior realizada por esta autora sobre a preservação de faces no programa *Altas Horas* (2001). Foram gravados onze programas, veiculados de janeiro a julho de 2001 pela Rede Globo de televisão. Neste artigo, será analisada principalmente parte de uma entrevista veiculada em abril de 2001.

1. O texto falado

1.1 A Análise da Conversação

A Análise da Conversação, por volta dos anos setenta, preocupava-se com a descrição das estruturas e os mecanismos organizadores da fala. Na atualidade, come-

* Esta pesquisa é parte de um Trabalho de Conclusão de Curso, na área de Lingüística, realizado no Departamento de Letras da Universidade de Franca (SP), sob orientação da Professora Ms. Marina Célia Mendonça.

ça-se a observar outros aspectos envolvidos na conversação; além disso, o estudo da AC parte de dados empíricos em situações reais, prevalecendo as descrições e interpretações qualitativas e não análises quantitativas. De acordo com Gumperz (*apud* Marcuschi, 1986: 06) *“a AC deve preocupar-se sobretudo com a especialização dos conhecimentos lingüísticos, paralingüísticos e socioculturais que devem ser partilhados para que a interação seja bem sucedida. Esta perspectiva ultrapassa a análise de estruturas e atinge os processos cooperativos presentes na atividade conversacional: o problema passa da organização para a interpretação.”*

Sendo assim, percebemos que o contexto social desempenha um papel muito importante para a Análise da Conversação, pois as situações sociais estão diretamente ligadas à atividade de fala. Marcuschi afirma que: *“A AC estabelece desde o início sua preocupação básica com a vinculação situacional, e em conseqüência, com o caráter pragmático da conversação e de toda a atividade de lingüística diária. Em outros termos, a vinculação contextual da ação e interação social faz com que toda a atividade de fala seja vista ligada à realização local, mas de uma forma complexa, uma vez que a contextualidade é reflexiva e o contexto de agora é, em princípio, o emulador do contexto seguinte”* (1986:08).

De acordo com o lingüista alemão H. Steger (*apud* Marcuschi, 1986:16), existem dois tipos de diálogos: os assimétricos e os simétricos. Os primeiros são aqueles que caracterizam as entrevistas, os inquéritos, a interação em sala de aula, pois somente um dos participantes detém o poder da palavra, podendo iniciar, concluir, dirigir, orientar e, até mesmo, exercer pressão sobre outros participantes. Já nos segundos, supõe-se que todos os participantes tenham o mesmo direito à auto-escolha da palavra, do tema, do tempo de permanência com a fala. Um exemplo que caracteriza bem esta modalidade é a conversação cotidiana e natural.

O programa *“Altas Horas”*, que será objeto de estudo desta pesquisa, enquadra-se nos diálogos assimétricos, como será visto neste trabalho, pois o apresentador é quem detém o poder da palavra, dirige e delimita o tempo da conversação dos participantes.

Marcuschi (1986) não concorda com Steger (*apud* Marcuschi, 1986) sobre a possibilidade de haver diálogos simétricos, pois, segundo aquele, existem alguns fatores, como diferenças sociais, econômicas e culturais, que influenciam sempre na participação dos falantes na conversação, levando-os a deter maior ou menor poder, o que inviabiliza a idéia de “simetria de papéis”.

Segundo Koch (2000a: 71) podemos considerar que, mesmo nas interações do cotidiano, supostamente simétricas, temos regras a seguir como as do tipo “fale um de cada vez”. Durante a conversação, surgem alguns “espaços de transição” que são marcados por pausa, silêncio, entonação, gesto, olhar. Já Marcuschi diz ser complicado definir “lugar relevante” para a tomada de turno, porque os marcadores, como os citados acima, são importantes, mas não absolutos. *“É comum que a troca se dê após conjunções como “e”, “mas”, “ai”, “então”, etc, e nestes casos as tomadas podem constituir verdadeiros assaltos ou usurpações, maximizando a possibilidade de sobreposição de vozes”.* (Marcuschi, 1986:22).

O indivíduo que detém a palavra pode eleger outro falante e, quando isto não

acontece, qualquer um pode assumir a palavra; porém, de acordo com Dionísio (2001) basta pensarmos em um grupo de amigos conversando, descontraídos ou quando o professor faz uma pergunta na sala de aula e todos respondem ao mesmo tempo, para percebermos que esta regra, “fale um de cada vez”, não é seguida. E mesmo com esta, aparente, desorganização neste tipo de interação, somos capazes de compreender o que está sendo falado.

Contudo, Marcuschi (1986) ressalta que, apesar da regra ser constantemente desrespeitada, ela é válida para a maioria das línguas, culturas e situações, pois ouvimos freqüentemente certas expressões como “fale um de cada vez, senão ninguém entende”, “espere a sua vez de falar”, que mostram a existência de regras e funcionam como marcas metalingüísticas organizadoras do texto oral.

Temos também o “assalto ao turno”, segundo Koch (2000a), este ocorre quando o participante invade o turno fora do espaço de transição. Neste momento, duas ou mais pessoas falam ao mesmo tempo, até que somente uma fique com a posse do turno. Vê-se que um falante “luta” pelo direito à fala, o que nega qualquer possibilidade de simetria.

1.2 Alguns aspectos sobre a compreensão do texto falado

Koch (2000a) considera que a conversação é um ato social e que as situações são modificadas e até mesmo constituídas através desses atos. A linguagem deve ser vista como forma de interação social, ou seja, de constituição de identidades, de representação de papéis, de negociação de sentidos.

Para que haja a compreensão do texto, os participantes se utilizam de estratégias interacionais; estas objetivam estabelecer, manter e levar a bom termo a conversação. Koch (2000b) cita estratégias relacionadas à realização dos vários tipos de atos de fala e estratégias de representação positiva da face, isto é, aquelas que visam à preservação da face e por isso envolvem o uso das formas de atenuação, as estratégias de polidez, de negociação, a atribuição de causas aos malentendidos, e outras.

De acordo com Koch, *“a estratégia de preservação de faces manifesta-se lingüisticamente através de atos preparatórios, eufemismos, rodeios, mudanças de tópico e marcadores de atenuação em geral. O grau de polidez é socialmente determinado, e em geral com base nos papéis sociais desempenhados pelos participantes, na necessidade de resguardar a própria face ou a do parceiro, ou ainda, condicionado por normas culturais”* (2000b: 30).

Ainda segundo a autora, no decorrer da conversação, conflitos, equívocos são inevitáveis e quando isto acontece, devemos identificar e atribuir as possíveis causas a essas dificuldades e, se necessário, mudar de tópico ou até mesmo encerrar o assunto para que a interação seja bem sucedida. Durante a interação face a face, as mudanças de posição e as negociações acontecem a todo momento, sucessivamente, e a cada mudança na situação os participantes devem ajustar-se às alterações correspondentes na linguagem, o que é chamado de *footing*, uma noção importante introduzida pelo lingüista Goffman (*apud* Koch, 2000a: 108).

A autora defende que a negociação está sempre presente numa interação e que vários aspectos da situação podem ser considerados e (re)negociados de forma

explícita, por exemplo, quando o interlocutor deixa claro o desejo de ser respeitado ou ser preservado sobre um determinado assunto, ou de forma implícita, quando o interlocutor deixa subentendido o seu desejo. Porém, percebemos que, em algumas entrevistas analisadas do programa *Altas Horas*, a questão da negociação fica um pouco restrita, já que as entrevistas se caracterizam por “pares adjacentes” (pergunta-resposta) e não por um “projeto conjunto”, em que os interlocutores interagem em atividades coordenadas e colaborativas de co-produção de sentidos.

Podemos falar ainda sobre as expectativas prévias que os interlocutores criam nas situações interacionais. De acordo com Dionisio (2001: 94) “*em situações interativas, os interlocutores sempre têm expectativas prévias*”; principalmente no caso de entrevistas, pois muitas vezes o interlocutor tenta formular as respostas antes da interação, como se fosse um ensaio ou como se estivesse guiado por essas expectativas, no entanto, nem sempre as respostas funcionam no momento real da interação.

Além disso, existem também as chamadas marcas de sintonia entre os interlocutores, que são fundamentais na construção da conversação, pois muito do que compreendemos durante o processo conversacional resulta da relação entre interlocutores e o contexto da interação. Por exemplo, o uso de sinais variados pelos falantes, que revelam boa ou má sintonia entre ambos; o uso de marcadores conversacionais como entonação, tom de voz, etc (prosódicos) e gestos, risos, expressões faciais (não-verbais). Marcadores como esses informam sobre a compreensão e o envolvimento entre os interlocutores durante a interação.

Dionisio diz que, “*ao falarmos, não nos utilizamos apenas de uma diversidade de linguagem, mas colocamos em conexão indivíduos, linguagens, cultura e sociedade e que gestos, expressões faciais, tons de voz são, muitas vezes, mais informativos do que as construções lingüísticas, visto que a ‘gramática é um veículo pobre para exprimir os sutis padrões de emoção’*” (2001: 95).

2. Análise de uma entrevista do Programa *Altas Horas*

Podemos dar início a nossa análise partindo do ponto de que as entrevistas que foram utilizadas nesta pesquisa caracterizam-se pelo diálogo assimétrico. O apresentador do programa, Serginho Groisman, (SG)¹ é quem inicia, encerra, conduz e direciona as entrevistas, delimita o tempo, pressiona os participantes para que se manifestem com perguntas e/ou comentários a outros convidados que participam do programa através dos telões. Observemos o seguinte trecho:

Segmento 1 – (Contexto: Serginho Groisman entrevistando o cantor/ator Supla (S), com a participação da atriz Débora Falabela (DF).

- S /.../ ela é uma menina muito simpática... não estou puxando o saco não: se você fosse uma pentelha eu ia falar na sua cara... mas você é muito gente fina:: ((apresentador sorri))
S simpática::

¹ A sigla (SG) refere-se a Serginho Groisman, apresentador do programa *Altas Horas*. Na sequência da análise, serão apresentadas também iniciais dos entrevistados, as quais constarão nas transcrições das entrevistas.

SG fala com ele um pouquinho Débora
 DF é:: não é porque::... eu fiz as primeiras cenas
 com ele::... assim... e eu acho que não vai ter
 nada comigo... mas:: com a minha mãe...
 então... eu queria saber/
 SG você acha que ele pode ser... um grande
 Neonazista... da: da: trama?/.../

Observando o segmento acima, percebemos que Débora Falabela (DF), devido a sua timidez, foi pressionada pelo apresentador a conversar com Supla (S). Outro fato que podemos perceber no texto foi a tomada de turno que o apresentador faz e com isso direciona a fala da atriz (DF).

Na perspectiva de Marcuschi, a simetria de papéis e direitos “*é pouco verdadeira, pois a diferença de condições socioeconômicas e culturais ou de poder entre os indivíduos deixa-os em diferentes condições de participação no diálogo*” (1986: 16). Acreditamos que a timidez da atriz Débora Falabela também representa um fator que contribui para a manifestação de assimetria. Outro exemplo que deixa bastante clara esta questão nas entrevistas que analisamos é o quadro “A música que toca meu coração”, como podemos observar no trecho abaixo:

Segmento 2 – (Contexto – Serginho entrevistando a atriz Regina Duarte (RD))

SG /.../ Regina... uma música que tenha tocado
 SG seu coração... que quando toca você lembra
 de alguém... de algo/ em algum momento...
 fez parte da sua vida afetiva amorosa ((silêncio
 no cenário))
 RD ai:: meu Deus... ((risos da atriz que fica constrangida))
 ai... posso pular essa... daqui a pouco eu falo?
 ((risos da atriz))
 SG aqui não pula... não pergunta para os universitários...
 [
 RD não pula... não dá pra pedir uma/
 ((risos da atriz))
 SG não faz nada disso
 RD GENTe... me pegou agora
 SG o máximo que eu vou te dar é um tempinho /.../

Grande parte dos convidados do programa tem uma certa resistência em participar deste quadro, o que demonstra um modo de preservar a face interna; ainda assim, o apresentador insiste e não permite que os participantes optem por não participar, como podemos perceber no segmento acima. Portanto, a posição de apresentador dá a Serginho Groisman vantagem na tomada de turno e direcionamento em todas as entrevistas, já que sua posição é superior a dos entrevistados na hierarquia das conversações estabelecidas no programa.

Segundo Koch, “*A conversação é, antes de tudo, um ato social, no interior de situações sociais que são modificadas ou mesmo constituídas através desses atos*” (2000a: 107). A partir desse conceito de conversação, podemos afirmar que as pesso-

as estão sempre representando papéis, uns diante dos outros, e de acordo com a situação agem de maneiras diferentes. Pois o indivíduo quer mostrar uma determinada imagem sua aos outros, ou seja, a sua face externa. Vejamos um exemplo no segmento 3, retirado da mesma entrevista citada no segmento 1.²

Segmento 3 (Contexto: Serginho Groisman entrevistando o cantor/ator Supla (S))

SG /.../ quer dizer que agora você é um galã:: da rede Globo de televisão?

S não::... você que está falando

SG eu estou falando é:: exatamente

S você acha que eu sou galã?

SG eu acho... você é o maior galÃ que eu já vi:: /.../

Percebe-se, no trecho do segmento 3, que o apresentador preserva sua face externa através de atos preparatórios, ou seja, Serginho faz rodeios, neste momento da entrevista, elogiando Supla que, por sua vez, também preserva sua face externa quando não assume ser galã. O fato de o apresentador não fazer perguntas que poderiam arranhar a face do entrevistado e dar abertura para que a platéia faça perguntas que podem, ou não, invadir a privacidade do cantor/ator, é uma estratégia de polidez, usada por Serginho, na representação do seu papel de apresentador.

De acordo com Koch (2000b: 30), *“o grau de polidez é socialmente determinado, em geral com base nos papéis sociais desempenhados pelos participantes, na necessidade de resguardar a própria face ou a do seu parceiro, ou ainda, condicionado por normas culturais.”*

Observemos o seguinte trecho:

Segmento 4 (Contexto: Serginho Groisman entrevistando o cantor/ator Supla (S), com participação da platéia (P))

SG /.../ aqui::... chegando... chegando pra primeira pergunta ao Supla... fala... fala garoto

P é:: eu queria saber:: é::: se você::/... que partido você vai tomar:: é::: a respeito da::... CPI do lixo?

O entrevistado é uma pessoa do meio artístico, além disso, sua mãe é prefeita por São Paulo e o pai também é político, isso faz com que sua vida particular e a de sua família estejam sempre em evidência na mídia. Portanto, certamente, Supla já esperava por perguntas, como a que foi feita pelo garoto da platéia, conforme podemos observar no segmento 4.

Para que a interação seja bem sucedida, o interlocutor utiliza estratégias e uma delas é a negociação que está presente em toda interação, isto é, quando o cantor/ator se explica, justificando o motivo de não querer falar sobre um determinado assunto, ocorre a estratégia de negociação, é o que podemos perceber no segmento abaixo.

² Todos os segmentos citados, a partir daqui, fazem parte dessa mesma entrevista.

Segmento 5 (Contexto: Serginho Groisman entrevistando o cantor/ator Supla (S))

- S /.../ ahn:: vamos fazer uma:: vamos fazer já uma:: prévia já aqui direto...falô... com todo meu respeito... é:: eu sou a favor da CPI... né... pra qualquer tipo de::/ ... se
- S alguém está com alguma dúvida de algum problema... é:: eu sou a favor... agora: eu pediria a todos vocês... com o meu respeito ahn:: pra:: não falar nada:: do meu pai ou da minha mãe ou de política... porque é uma coisa que está:: muito desagradável... eu pediria com respeito... pra:: não falar sobre isso... sabe: não que eu não tenha a minha opinião... é que é uma coisa que está:: forte... assim sabe... e eu gostaria de respeitar... ahn:: tanto... o meu lado familiar... sabe assim eu sou uma pessoa:: um artis/ acho pretensioso até: quando a pessoa fala assim... ah:: eu sou um artista né: mas... é o::/ é a minha profissão entendeu /.../
- SG /.../ está bom... o:: Supla... mas então pelo menos me diga assim... você acha que a cidade está melhorando.. isso... estou falando assim... não tem nada a ver com relações... é:: afetivas /.../

Verificamos ainda, no segmento 5, que Supla utiliza estratégias de polidez e negociação visando manter e levar a bom termo a conversação. O entrevistado deixa claro o desejo de não falar sobre sua família (preserva, portando, sua face interna), porém ele se justifica para não arranhar a face do garoto da platéia. Apesar da negociação explícita, presente na fala de Supla, o apresentador ainda insiste que o cantor/ator responda se, pelo menos, ele acha que a cidade está melhorando. Serginho, atenuando a pergunta feita pelo garoto da platéia, invade a privacidade de Supla sem arranhar a sua própria face externa.

Percebemos que houve uma mudança de papéis ao longo da entrevista que estamos analisando, pois Supla inicia a entrevista representando o papel de cantor/ator, conforme podemos observar no segmento 3. Após a primeira pergunta, feita pelo garoto da platéia, sobre a CPI do lixo (segmento 5), Supla utiliza uma linguagem de filho e, logo após, ocorre uma negociação e renegociação que leva a platéia e o apresentador à compreensão e o encerramento do tópico. Outra mudança na linguagem do cantor fica bastante clara no segmento 6, em que é feita outra pergunta ao Supla e este utiliza a linguagem de cantor, como podemos observar no seguinte trecho:

Segmento 6 (Contexto: Serginho Groisman entrevistando o cantor/ator Supla (S), com participação

da platéia (P))

- P /.../ é::: eu queria saber o que você achou das bandas Pop no Rock and Rio?
- S eu acho o seguinte... eu toquei no ró/ ah:::... eu toquei no:::... segundo Rock and Rio e no terceiro né... e o:: primeiro Rock and Rio... pra quem não se lembra... era George Benson... ahn... B Cinquenta e Dois.. que era:: New Wave /.../

A cada mudança de situação, como podemos perceber nos segmentos 3, 5 e 6, o entrevistado se posiciona de maneira diferente, é o que Koch (2000a) chama de *footing*.

Em algumas entrevistas, como a citada anteriormente, percebemos que o apresentador nos passa uma imagem "positiva", preservando a sua face ao não "arranhar" a face do outro. Porém, em outros casos, ocorre também o contrário, quando o apresentador arranha a face do outro.

3. Conclusão

No decorrer de uma interação, como foi observado neste artigo, os interlocutores estão sempre utilizando estratégias conversacionais e representando papéis perante os outros para que a interação seja bem sucedida.

Após a análise, concluímos que o contexto em que as entrevistas foram realizadas exige dos convidados uma maior preocupação com a preservação de faces, interna e externa, e com a representação de papéis. Isso porque a maioria dos convidados do programa *Altas Horas* pertence ao meio artístico e, geralmente, utiliza estratégias que visam a preservar a face do outro, embora nem sempre consiga.

A preservação de faces, nesse contexto, nos leva a refletir sobre a questão da privacidade dos convidados do programa, como ela é "invadida" e até que ponto podemos considerar o apresentador e a platéia "culpados" por isso. Existem alguns fatores como a profissão dos convidados, por exemplo, que exigem que estes estejam sempre presentes na mídia e, ao aceitarem o convite do programa, certamente já conhecem a estrutura do mesmo e sabem que não terão a privacidade preservada. Portanto, seríamos ingênuos em atribuir à televisão toda a culpa pela falta de privacidade dos convidados do programa *Altas Horas*, considerando que estes estão cientes de que preservar a face, nesse contexto, é muito difícil, mas, mesmo assim, comparecem ao programa.

Quanto ao apresentador, Serginho Groisman, este tem uma maior preocupação com sua face externa, e a assimetria lhe confere o poder de não deixar com que sua face interna seja arranhada, porém não podemos afirmar que isto não acontece e sim que é raro devido à posição que o apresentador ocupa. Serginho representa e reflete uma imagem positiva, o que não significa que ele preserva a face dos convidados e sim que, ao utilizar estratégias conversacionais, a invasão da privacidade fica sutil, porém sempre presente.

Temos ainda a platéia, que exerce um papel importante na interação, pois há

pouca preocupação em preservar a face interna dos convidados e sim um grande interesse em invadir a privacidade dos mesmos. Quando o apresentador quer preservar a própria face, conduz a interação dando voz à platéia que, geralmente, é bastante direta por não haver essa preocupação com a preservação de faces. Contudo, a platéia não pode ser caracterizada exclusivamente como interessada em invadir a privacidade dos convidados, pois, no decorrer da interação, a platéia também colabora na preservação de faces, como, por exemplo, no segmento 6 da entrevista citada, em que Supla, ao pedir para não falar sobre um determinado assunto, tem a colaboração da platéia, que dá início a um novo tópico e tira o cantor/ator de uma situação constrangedora.

Sendo assim, concluímos que, nas entrevistas do programa *Altas Horas*, o apresentador, os convidados e a platéia estão sempre negociando os sentidos e procurando levar a bom termo a interação.

Neste trabalho, a tensão que caracteriza a conversação em *Altas Horas* revela o sujeito em trabalho redobrado de preservação de faces. Outras pesquisas ainda precisam ser feitas para se refletir com mais profundidade sobre essa produção de imagem do sujeito na televisão: como ele se mostra, como ele é mostrado, o que querem mostrar dele e o que ele não deixa entrever. Essa produção de imagem é importante à lingüística, e esperamos ter contribuído para a produção do conhecimento na área; no entanto, acreditamos que ele também seja relevante aos que lidam com a mídia e à sociedade, de forma geral. E a lingüística, como mostramos, pode fornecer ferramentas para a análise dessa imagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTAS HORAS (2001). Produção e Jornalismo de Danielle Costa e Juberto Ibuti. Apresentado por Serginho Groisman, realizado pela Rede Globo. São Paulo.
- DIONISIO, Angela Paiva (2001). Análise da Conversação. In: Fernanda Mussalim, Anna Christina Bentes (orgs.). *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. vol II. São Paulo, Cortez. pp. 69-99.
- KOCH, Ingedore Villaça (2000a). *A interação pela linguagem*. 5 ed. São Paulo, Contexto.
- _____ (2000b). *O texto e a construção dos sentidos*. 4.ed. São Paulo, Contexto.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio (1986). *Análise da conversação*. São Paulo, Ática.

